

Marlene Guirado

# Instituição e Relações Afetivas

O vínculo com o abandono

Edição Revista e Ampliada

Casa do Psicólogo®

© 2004 Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda.  
É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, para qualquer finalidade, sem  
autorização por escrito dos editores.

**1ª Edição**

2004

**Editores**

*Ingo Bernd Güntert e Myriam Chinalli*

**Assistente Editorial**

*Sheila Cardoso da Silva*

**Produção Gráfica**

*Renata Vieira Nunes*

**Capa**

*Luisa Guirado Caramicoli*

**Editoração Eletrônica**

*Nair Fernandes*

**Revisão**

*Lígia Ferreira Galvão*

**Revisão Gráfica**

*Luís Carlos Peres*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Guirado, Marlene

Instituição e relações afetivas: o vínculo com o abandono / Marlene Guirado –  
Ed. rev. e ampl. – São Paulo: Casa do Psicólogo®, 2004.

Bibliografia.

ISBN 85-7396-368-9

1. Crianças – Distúrbios afetivos 2. Crianças – Educação em  
instituições 3. Delinquência juvenil 4. Fundação Estadual do Bem-  
Estar do Menor (São Paulo) 5. Menores abandonados – Brasil – São  
Paulo (Estado) 6. Psicologia infantil I. Título.

04-7140

CDD- 155.454

**Índices para catálogo sistemático:**

- |                                                         |         |
|---------------------------------------------------------|---------|
| 1. Crianças: Distúrbios afetivos: Psicologia infantil   | 155.454 |
| 2. Distúrbios afetivos em crianças: Psicologia infantil | 155.454 |

**Impresso no Brasil**

*Printed in Brazil*

Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguesa à



**Casa do Psicólogo® Livraria e Editora Ltda.**

Rua Mourato Coelho, 1059 Vila Madalena 05417-011 São Paulo/SP Brasil  
Tel.: (11) 3034.3600 E-mail: casadopsicologo@casadopsicologo.com.br  
site: www.casadopsicologo.com.br



# Sumário

Prefácio, *Lino de Macedo* ..... 9

Apresentação à Edição Revista e Ampliada ..... 13

## CAPÍTULO I

Na criança e na Febem:

a configuração do tema ..... 19

1. A carência afetiva (re)estudada ..... 20

2. A FEBEM e a conservação da infância em  
abandono ..... 32

3. A criança e a FEBEM no presente estudo:  
hipóteses ..... 40

## CAPÍTULO II

Sobre os referenciais teóricos e metodológicos ..... 43

1. Análise de instituições e psicanálise ..... 43

2. A questão do método ..... 53

## CAPÍTULO III

No discurso dos agentes institucionais: ..... 63

1. A relação com o próprio trabalho:  
o lugar do agente ..... 66

2. A relação com a criança: o lugar da clientela ..... 87

3. A FEBEM e a relação possível ..... 117

## CAPÍTULO IV

No discurso dos internos: as possibilidades de

vínculo e sujeito ..... 131

1. Dos abandonados – meninos ..... 135

|                                                                     |     |
|---------------------------------------------------------------------|-----|
| 2. Dos abandonados – meninas .....                                  | 160 |
| 3. Dos infratores .....                                             | 186 |
| 4. Do abandono à infração:<br>o reconhecimento na instituição ..... | 215 |

## CAPÍTULO V

|                                                                                                             |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Instituição e relações afetivas .....                                                                       | 223 |
| 1. As hipóteses .....                                                                                       | 224 |
| 2. A instituição. O sujeito. O afeto .....                                                                  | 225 |
| 3. A singularidade dos discursos, a teoria,<br>as condições de pesquisa: os limites das<br>afirmações ..... | 233 |
| 4. No caminho das afirmações para além<br>desses limites .....                                              | 236 |
| Referências bibliográficas .....                                                                            | 253 |



Retomem-se as citações referentes à mãe que não tem carrinho<sup>100</sup> para levá-la consigo, em Fátima; ou à mãe doente, em Rosana.

Nesta última, a essa imagem articula-se a de uma mãe que continua impedindo que ela encontre outros continentes (não permite que seja adotada, por exemplo). Assim, esta é, também, uma “mãe persecutória” e insensível ao que poderia estar se passando com Rosana.

Aqueles que vêm, então, preencher essa função, conseguem-no até certo ponto, ou, pelo menos, com características singulares. De um lado, em Rosana: “*Elas* são minha mãe”, expressando a possibilidade (ou a necessidade) de reconhecimento de uma fonte provedora e protetora. Há que permanecer um genérico “elas”, mas que permita uma continuidade nas coisas que até hoje faz, agradam-na e relembram estas “freiras”. Sua extensão vai se dar, depois, na instituição – FEBEM, com toda a conotação que esta tem de persecutoriedade também, mas de proteção na pessoa de alguns funcionários. Uma imagem dividida, mas, mesmo assim, ainda continente; a possibilitar um “dentro” que, embora ameaçador, é preferível ao “fora” completamente estilhaçador.

De outro lado, em Fátima, como pontuei anteriormente, a mãe que dela se separou só se recupera no vínculo “oceânico” com um outro que não se distingue dela própria.

E parece ser esta, em ambas, a única possibilidade de vida. Ou melhor, a única possibilidade de continuarem vivas...

### 3. Dos infratores

#### Considerações iniciais

Na Unidade de Triagem 3, da FEBEM-SP, em quatro visitas, tive contato com alguns técnicos (educadores, médicos, as

<sup>100</sup> Carrinho? Carinho? De qualquer forma, não contém, não conduz...



sistentes sociais e psicólogos) que, gentilmente, e de passagem, sabendo da razão de minha ida até lá, e entre o descrédito e a aceitação, apresentaram as dependências da casa, bem como indicaram-me dois dos internos com quem pudesse conversar. Os critérios para o destaque desses meninos era o mesmo: aqueles que tivessem uma permanência mais longa nas Unidades da FEBEM e que fossem “representativos da clientela infratora” que eles atendem.

Assim, pude conversar com Benê e Edinaldo: dezesseis anos e duas longas histórias de internação, fugas e/ou retiradas da FEBEM.

Para pensar suas falas, em entrevistas que duraram cada uma delas aproximadamente duas horas, tentei a princípio destacar alguns temas. Estes temas puderam ser considerados depois de leituras, relatórios e análises das entrevistas, em particular; e surgiram como uma forma de organizar os discursos naquilo que, penso, os aproxima, sem, entretanto, perder de vista o que os distancia. Antes, porém, procurarei configurar as linhas gerais da maneira como Benê e Edinaldo falaram sobre sua vida e se relacionaram comigo, uma “entrevistadora – psicóloga”. Farei isto de acordo com o que pude perceber, envolvida que estava no decorrer das entrevistas e na sua reorganização analítica, uma vez transformadas em texto pela transcrição das fitas gravadas.

São os seguintes os temas destacados por este esforço de análise:

- a) Vida e marginalidade.
- b) Proximidade, violência e sexualidade.
- c) O pai. A identidade.
- d) A mãe. A mulher. O prazer.
- e) A lei. A transgressão.

O discurso de Benê impressiona por sua “lucidez”, pela falta de contradições explícitas, por sua lógica e pelo manejo exato das “lembranças” no tempo e no espaço.



Queria sempre se certificar de que havia entendido bem a pergunta para dar a resposta correta.

Da mesma forma, sempre, indicava saber conviver “com a vida da malandragem” e “com a vida honesta”.

*Se eu entrar num ambiente que tenha... só gente trabalhadora, honesta, direita, sei conversar também, sem ser na gíria, sem ser gingando (...) no meio da malandragem a gente tem que conversar na gíria, conversar de malandragem. Agora, num ambiente familiar (...) vou conversar diferente, como gente.*

Como, no decorrer de toda a entrevista, Benê dificilmente usou gíria, pode-se supor que ele, de fato, estava ali falando para gente direita e trabalhadora. Seu discurso era o discurso do “decente”<sup>101</sup>, comigo. Um discurso que, se por um lado ele podia ter, porque podia “ser gente” também, por outro pareceu, muitas vezes, ser o discurso que ele ratificava – e em cujas representações ele investe, reconhece-se, deseja.

É importante, ainda, destacar esta forte cisão em dois mundos – o decente e o malandro – sendo o decente o que é bom e o malandro o que, provavelmente, não o seja, mas que ele *tem* que viver. A cisão, a imposição de uma vida marginal e a valorização da vida honesta: eis o marcante movimento de seu discurso.

A metáfora disto poderia ser encontrada nas inúmeras “lembranças” que ele tem da infância, em que sempre se vê caindo em poços (de água) ou entre dois trens e, para não se arrebentar, apóia-se nas duas pernas abertas e esticadas ao máximo do suportável.

O início da entrevista foi, nitidamente, este *falar para a honestidade*: ele afirmava que a marginalidade não tem fim bom; que, saindo de lá, pararia com a vida de roubo; e assim por diante. Quando eu lhe pergunto se quer falar sobre o homicídio que disse que cometera, ele

<sup>101</sup> Estou usando aqui uma terminologia que Maria Lucia Violante empregou para definir a identidade dos infratores internos na FEBEM, em seu livro *O dilema do decente-malandro*, São Paulo, Cortez e Moraes, 1981. O discurso do decente, aqui, é aquele da lei e da “moral”, normalmente utilizado diante daqueles que são reconhecidos como agentes da instituição.



responde que eu é quem sei. Ou seja, ele faria o que eu quisesse; o que eu quisesse ouvir, o que me agradasse.

*(...) Que eu vou parar, tô com dezessete anos, já, parar com essa vida que não...*

*(...) A gente continua fazendo, né... Quer dizer, tenho fé em Deus em não mexer mais na casa dos outros.*

Esta valorização do “direito”, que parece aqui um discurso forjado para agradar o ouvinte, ou para fugir da “prisão de menor” em outros momentos surge de forma mais clara e internalizada.

B: *Se invadir meu terreno e eu tiver com uma arma de fogo, mato. Eu faço! Não tenho dó não! Tempo de fogueira de S. João, ali na vila,<sup>102</sup> não pode marcar com a cerca de madeira (...) a turma (...) eles não arrumam lenha no meio do mato, vão roubar a cerca dos outros e pôr no fogo... certo?*

E: *Se roubarem a sua, você mata?*

B: *Ah, seu catar...*

E: *Quer dizer que se alguém matar você ou tentar dar um tiro nas suas costas, você acha também que ele está certo?*

B: *Tá certo! Catou, catou robando dele, tá certo. Não tiro a razão dele, não.*

E: *Quer dizer, roubar é uma coisa torta mesmo!*

B: *É coisa errada, mas...*

E: *Mas...*

B: *A gente continua fazendo né... Quer dizer, tenho fé em Deus em não... mexer mais... na casa dos outros.*

*Lá na vila, na época de São João, lá onde se viu jogar bombinha acesa na casa dos outros... se pega um botijão de gás... explode e morre todo mundo, certo... Eu tava com a espingardinha de chumbinho lá que eu comprei de um rapazinho lá... inda botei*

<sup>102</sup> Assim Benê se referia algumas vezes à casa e ao lugar onde morava (ou mora?) com sua mãe.



um relógio Seiko novinho pra ele (...). Eu vejo o Valdir, veio, veio o Miquinho, esse que eu falei pra senhora, esse filho do seu Netinho, todo mundo lá; "cerca do Ticão só tem eucalipto", eu só escutando de lá no escuro, não dá pra ninguém vê eu, uma base de meia-noite (...). Já tão querendo cavar pra levar a minha cerca... só tô lá. Eu amirei bem, pegou bem no peito de um, eu só vi um nego gritando lá, esperneando e o sangue descendo no peito (...). Dali a pouco vem o pai do moleque (...). Cheguei nele e falei: (...) aqui não tem homem na casa. O homem da casa aqui sou eu. Meu pai morreu (...). O filho do senhor é muito folgado, sabe. (...) Agora se o senhor achar ruim, vê o que o senhor faz pra mim... Sou de menor. Agora tem uma coisa: partiu do meu portão pra dentro, tá invadindo minha propriedade, eu mato e não tenho dó. Certo! Então vê o que o senhor faz. Ele tá com a unha, mas eu tô com a foice na mão. Tô com a foice na mão... Então meto a foice... certo!? Se eu matar fora do terreno, tudo bem... vai dar... algum pepino, certo!? Mas pro lado de dentro de casa não, ele tava querendo desrespeitar eu e minha mãe, certo!? E ainda tá... querendo invadir minha propriedade...

Aparece, aqui, alguma coisa que se confirma em outros momentos da entrevista: uma relação com a lei e com a transgressão em que ambas são reconhecidas como igualmente possíveis, e até necessárias (você *tem* que falar a língua da malandragem e você *tem* que matar quando roubado).

Existe, portanto, uma lei, que é a transgressão. Mas existe, ao mesmo tempo, a lei que reconhece o direito da propriedade privada e sua defesa.

Assim, a relação com o estabelecido, com o (d) Direito é reconhecida como natural, apropriada e justificada. A sua transgressão não a invalida. Pelo contrário, ratifica-a.

Parece ser, este, o crivo central de seu discurso – e a ele voltaremos repetidas vezes nesta análise. É esta cisão e coexistência dos dois reconhecimentos como compatíveis; é esta valorização, em úl-



tima instância, do que é negado na transgressão, que fazem, do discurso de Benê, um fascinante discurso sobre a vida.

O discurso de Edinaldo, por sua vez, conforme destacarei mais extensamente adiante, preserva esta característica que atravessa a fala de Benê. Entretanto, organiza-se de maneira própria, especialmente pelo corte que sofre, a partir do momento em que lhe pergunto sobre seu pai.

Edinaldo, de início, falava, a mim e ao gravador, como se contasse uma história em teatro-diálogo. “Ela falou... eu falei...” (...) “Tá limpo.” (...) “Então pensei: ..... (...)” “Tá limpo. Tá certo.” (...) É o relato de um constante desafio verbal com interlocutores ou “interatores” que variam conforme a situação: a escola (ou a professora), a mãe, o irmão, o colega de assalto, ele mesmo, a entrevistadora. Nesses momentos, o falar, ou o “traduzir em fala”, antecede, e até substitui, o agir e o pensar. Falar, nele, é antecipar. É também desafiar. E este desafio se estende à entrevistadora enquanto usa (Edinaldo) um código muito específico e enquanto explicita, ironicamente, sua habilidade em, e seu controle sobre, situações como aquela de entrevista, visto estar acostumado a “aparecer” em programas de rádio.

En: *Isto aqui, Edinaldo, não vai aparecer em nenhum lugar. É mais um interesse meu de estudar melhor, de conhecer melhor o seu jeito de pensar e de viver. Pode ficar à vontade pra falar...*

Ed: *Pensei até que ia pro Gil Gomes...*

En: *E como é isso de ir pro Gil Gomes... pra você? O que você acha disso?*

Ed: *Nada... já tô acostumado...*

Ed: (...) *Falei: “Então desbaratina.”*

En: *Como?*

Ed: *Desbaratina. Mandeí o cara embora. A gíria da gente a senhora não vai entender nunca.*

Esta conotação do discurso, entretanto, se altera, a partir do momento em que ele relata que matou o colega de assalto (o “outro



Tico”) para ficar com o “vulgo” (porque ele também era conhecido pelo apelido Tico), e eu pergunto se ele tem pai. Sua fala muda radicalmente. Passa a “despejar” um código extremamente fechado, numérico, legal (são os números dos artigos da lei, transgredidos) que qualificaria seu pai como criminoso e merecedor da prisão onde se encontra. Deixa de usar o teatro-diálogo e, com isso, sua linguagem parece perder seu efeito de antecipação/substituição/desafio. Parecia ser ele, falando de si, do pai, dos outros, no momento mesmo em que pensava, expressando os sentimento de raiva, o desejo de vingança, e assim por diante. Faz isso, ou melhor, fala assim, mesmo quando o tema deixa de ser o pai para ser o roubo, o futuro, a mulher. Seu discurso parece ganhar um certo grau de abstração; fala de conceitos – e não de fatos, apenas. E esta abstração é profundamente ligada à vivência do afeto. É como se falasse a própria representação. É a “abstração do vivido”, num discurso de “presença”. Ele parecia não mais contar uma história em que dois personagens se desafiam, ao gravador e a mim. Parecia, sim, falar de si e para si, ora de forma menos compreensível, pelo uso fechado do código, ora de forma mais compreensível; ora situando-se num grupo e falando por este (“a gente...”, ou o emprego do verbo na primeira pessoa do plural), num índice de (in)determinação do sujeito, ora falando em nome próprio, ora falando sobre a sexualidade fora; ora falando e sexualizando a relação com a entrevistadora; ora pertencendo à marginalidade, ora à constitucionalidade.

Esta pertença, ou presença, à própria fala vai num crescendo, até que se mostra muito angustiado pelo fim da entrevista, perguntando se já vai acabar; afirmando que sua vida é muito mais do que o que cabia lá na fita e pedindo para falar até a fita acabar. Tudo isto numa visível agitação. É nesta agitação que, ao final, pede ajuda para sair “da malandragem”.

Neste final, seu discurso é um recorte dos dois momentos anteriores: é abstrato-concreto, reflexivo-dialogal, presente-ausente.

Articulada a todo este movimento destaca-se, em Edinaldo, uma localização coerente no tempo e no espaço. Não há confusão de da-



tas ou lugares. Não há um livre trânsito entre presente/passado/futuro, ou entre fora/dentro. Pelo contrário, há certezas e definições (da mesma forma que em Benê). As pessoas envolvidas, entretanto, nem sempre se situam com clareza, embora seja perfeitamente possível a compreensão e a comunicação neste sentido.

Tal compreensão fica comprometida apenas pelo uso do código da “marginalidade”, que distancia o interlocutor, marca os limites entre ele e Edinaldo e inclui este último no grupo que lhe permite, provavelmente, identificação e identidade como “ladrão” (como se refere a si próprio muitas vezes).

É interessante que a entrevistadora tivesse livre curso na utilização de termos que supõem um certo nível de conceituação e generalização, como, por exemplo: “Fale-me sobre sua vida”, ou, “O que é mulher pra você”. Edinaldo parecia estar em continuidade com esta fala.

Eu poderia dizer que ele me entendia, mas procurou, boa parte do tempo, dificultar-me o entendimento. Uma relação discursiva que subverte, portanto, a ordem de domínios...

### Vida e marginalidade

A vida, tanto para Benê quanto para Edinaldo, é sempre identificada com a marginalidade.

*Eu acho que o meu futuro de amanhã, se eu continuar nessa vida, a marginalidade, não vai ter um fim bom, sabe, vai ser um fim triste, sabe. E, realmente, todos que vivem nessa vida nunca acaba numa boa felicidade, sabe, sempre acaba na infelicidade. Eu venho roubando desde a idade de nove anos, já trabalhei muito para ajudar minha mãe, também. Já trabalhei... pensão, de entregador de marmita, ali na Teodoro Sampaio, Pinheiros. Já trabalhei de servente de pedreiro, já trabalhei de engraxate. Já fui carregador de feira.*



*Trabalhei já de office-boy. Trabalhei até na guarda-mirim, na Rua Tamandaré, certo. Mas nada disso... me fez endireitar. Mas eu falo... eu saindo daqui agora, eu paro. Vou parar com esse negócio de roubar... Eu tenho um pouco de estudo, vou trabalhar.*

É assim que Benê responde à solicitação feita por mim: "Fale-me um pouco sobre sua vida". Como se pode perceber, as representações sobre a vida situam-se no eixo da marginalidade/trabalho e se definem num discurso entre a decência e a malandragem, onde o primeiro não consegue encobrir o sentido da vida como desvio. Ele (o discurso da decência) simplesmente introduz, na sua ambigüidade, o desejo de tê-lo, ou melhor, de ter a decência e o direito.

Edinaldo, a seu modo, posiciona-se no mesmo eixo, substituindo o trabalho pela escolaridade:

*Minha vida começou ruim, sabe. Começou ruim. Primeiramente, foi que praticamente não queria ir mais para a escola. Ficava sem estudar. Minha mãe começou a ficar preocupada. Falou: "Por que você não vai pra escola?" Falei: "Ah, pra escola aprender o que, lá? Aprender a apanhar na cara?" A professora batia direto na gente. Falei: "Não. Vou parar de ir pra escola." Aí tá limpo. Não fui mais pra escola (...) Aí peguei, ninguém tava sabendo, né. (...) Foi noventa dias certinho. "Agora vou esperar." Daqui a pouco minha mãe chegou, falou assim: "Edinaldo vai pro quarto." Sério. No quarto, ela meteu o pau. Taí. Aí demorou dois dias, minha mãe falou assim. "Que nada, acho que a gente vai ter que ir em um lugar." Falei 'lugar nenhum'. "Então, volta pra escola." Falei 'também não vou encostar, não'. Aí, de manhã cedo, no outro dia... é, foi no outro dia, ela falou assim "Vai pra escola". Falei "Conga tá molhada". Então ela falou assim. "Vai pra escola de chinelo." Falei 'não vou não'. Aí peguei, fui... Falei assim "Vou embora dessa casa; não dá mais", saí fora.*



Com esta mesma gíngua no falar, Edinaldo continua relatando como começou sua vida. Sua mãe, sem informá-los, levou-os (o irmão e ele) até a Rodoviária; disse que esperassem lá e... desapareceu. Depois de esperar horas (segundo ele, sete horas), procurou anunciar pelos alto-falantes que estavam ainda esperando por ela. Mas ela não veio. Então saíram (ao que indica, fugindo do Posto do Juizado de Menores da Rodoviária, “aquela antiga”, segundo ele...) e perambularam, pedindo esmolas por algum tempo, até conseguir o que comer. Pontuando sempre com clareza os lugares por onde andou, Edinaldo “recorda”:

Ed: *Aí, nós partimos pra pedir esmola, eu e meu irmão. Nós saímos... naquela rua que vai pro Bom Retiro... (...) Aí fomos pra Rodoviária a pé de novo, naquela praça Julio Prestes... Chegando lá falei “Bom, vou ver se tem alguma coisa pra gente comer, Edílson você espera aí um pouquinho” (...) Aí eu voltei, não encontrei meu irmão. Comecei a ficar preocupado de novo. (...) Demorou um minuto e ele apareceu. “Pera aí, Edílson, onde você tava?” (...) Aí, tá limpo. Esperamos, esperamos e nada. Peguei e falei assim “Acho que vou dá um rolê por aí.”*

En: *Dar o quê?*

Ed: *Rolê. Andar. É gíria da gente.*

É neste “rolê” que encontra um “cara” (“acho que o cara era ladrão também”), com quem, relata, fez seu primeiro assalto: o de uma casa em Santos.

*O cara falou assim: “Que nada, vamos pra Santos comigo.” Falei “Fazer o que lá?” Falou “Que nada, tem uma mansão lá pra pegar. Se você fosse comigo tava pela ordem.” Falei “Certo, nós vai sim, mas, e o meu irmão, vai também?” Falou “Não ele não pode ir.” Falei “Se meu irmão não for não quero ir também.” “Por quê? Você nasceu grudado com seu ir-*



*mão?" Falei "Não, não nasci grudado com meu irmão, não, mas ele é meu irmão, meu sangue."*

Prossegue, então, falando das possibilidades de ter carro e dinheiro, caso o assalto fosse feito. Mas garante, antes, que seu irmão seja colocado no caminho de casa.

*Ele falou assim, "Te dou todo o dinheiro, te dou um carro" (..) "Te dou cem milhão, te dou roupa" (...)*

*Falei, "Tenho responsabilidade pelo meu irmão" (...) Meu irmão foi pra casa tudo direitinho, né. Falei assim: "Ó Edilson, esse dinheiro aqui é seu, não dá pra ninguém não" (...) Aí meu irmão foi pra casa, né (...) e eu voltei pra São Paulo.*

A vida começa, então, quando ele se vê separado da mãe e da escola. Negando-se a continuar estudante e sendo abandonado pela mãe, está na rua. Começa a vida.

Ganhar a rua significa também encontrar a parceria para o assalto. A vida aparece aqui, então, como sinônimo de transgressão.

Os "símbolos" dois quais se separa são especialmente: mãe, escola, irmão, professora, casa. Parece, entretanto, que traz para a vida certas expressões como "tá limpo", "tá certo", "sério", "certinho". Expressões que repete, numa inserção no discurso que surge como deslocada, considerando-se o conteúdo falado.

A separação não é, assim, absoluta. E isto fica ainda expresso, simbolicamente, na referência aos laços de sangue que tem com o irmão e no esforço por colocá-lo a salvo. É como se protegesse o seu sangue "dessa vida". É como se buscasse colocar uma parte sua fora do alcance dele, "Tico<sup>103</sup> ladrão".

A marginalidade guarda, ainda, outros traços da vida instituída de família e escola: lá e então ele também se vira ameaçado, agredido, ludibriado. Sua decisão de não se submeter a isto teve como decorrência o abandono. E, "empurrado" pelo abandono, caiu nas mãos

<sup>103</sup> Conforme afirmei antes, e se observará depois, Tico é seu apelido, segundo ele.



do “outro ladrão”. Com isto, a violência é um saldo que, como ele, ingressa na vida de ladrão.

Chama a atenção, ainda, em sua fala, a referência precisa aos caminhos percorridos. Parece que este domínio e esta certeza sobre o espaço substitui aqueles de que necessitaria no campo das relações. Quando se substitui a casa pela rua, a rua tem que ser conhecida como a palma da mão, para garantir a proteção, a sobrevida. Deve ali construir a estabilidade.

Este esforço, entretanto, é superado pelo caráter mágico do encontro na semelhança do “outro ladrão”. Aqui se restabelece a possibilidade de ter. E ter muito. O ladrão é aquele que, magicamente, dá... E, com o dinheiro, dá a promessa de sobrevida, dá garantias, dá estabilidade.

A transgressão é, portanto, contraditoriamente representada como risco (o que gera a necessidade de fuga e defesa) e certeza (a vida, a posse, a riqueza). É a sua capacidade de transgressão que o leva a forçar o abandono e que acaba por garantir o suprimento.

O roubo que descreve a seguir enreda violência, (oni)potência, domínio, submissão.

En: *E o que você ia fazer com esse dinheiro todo?*

Ed: *Nada.*

En: *Nada?*

Ed: *Ia ficar com o dinheiro. Depositar num banco.*

En: *E você consegue fazer isto sem documentos?*

Ed: *Consigo.*

En: *Não entendo...*

Ed: *A senhora só sabe gravar...*

Ed: (...) *Sabe o que nós vamos fazer? Nós vamos roubar aquela mansão e... enquadrar o gambé também (...) Não tá com nada não (...) Porque se você fala muito dou um tiro na sua cara. Tava intupido, né. Tinha seis mecha.*

En: *O que quer dizer isso?*

Ed: *O cara tinha seis balas.*

Ed: *Falei “Deita no chão”. O cara deitou. Falei “Mão na cabeça e perna aberta, vai!” (...) “Se pelo menos piscar um*



*olho, vou meter bala na sua cara!” Falou “Não, que é isso, que é isso...”*

Sem nos ocuparmos de que Edinaldo descreva uma situação de fato vivida, as questões imediatas que lhe são feitas buscam estabelecer algum limite ao encadeamento de forças, ganhos, vitórias, conquistas. Sem sucesso, no entanto, pois a marginalidade parece circunscrever, aqui, o campo da potência... a potência absoluta!

Parece ser assim que Edinaldo se imagina, se concebe como ladrão. Capaz de tudo: de submeter, de obter, de arrebatrar, de ter, de conseguir o que deseja.

Assim, a vida se inicia com a marginalidade e, embora traga consigo traços das instituições das quais teve que se separar para “viver”, lança-os no universo do ilimitado. Aqui tudo se pode e, com isso, justifica-se; é considerado “limpo”, “certo”, “sério”.

Esta identificação dos opostos fica mais clara quando os limites entre a ordem e a transgressão ficam obscurecidos no seguinte relato:

*En: Mas ele tinha todo esse dinheiro numa casa em Santos?*

*Ed: É mansão. Rico. O cara foi delegado. Já foi escrivão, já foi chefe das Rota.*

*En: E por quê? Como ele tem tanto dinheiro em casa Edinaldo?*

*Ed: É. Uma. Ele faz acerto. Quando ele era sargento da Rota. Tem uns que faz acerto com os pivete. Um ladrão. Então, nisso ele vai fazendo acerto, acerto, acerto, acerto, acerto (...) Aí quando ele vê que tiver um rapa de dinheiro, vai, certo! Põe na caderneta de poupança. Imposto de Renda dá pra ninguém catá. Ele vive vida de mordomia. Se aposenta. Fora o dinheiro que ele vai receber na aposentadoria. Aí nós fomos e roubamos tudo e viemos pra São Paulo de novo. (...) Peguei fiz uma ligação direta num fusquinha, que eu sei pilotar, certo? (...) Viemos pra cá. Chegando na Serra de Santos, nós fomos parar no pulo dos gambé.*

*En: Gambé quer dizer?...*



Ed: *Polícia. “Mão pra cabeça”, falei. “Por que mão pra cabeça?” “Porque mão pra cabeça, vai!” Falei “O sr. está me desrespeitando (...) sou filho desse cara aqui oh!” “Delegado Sargento da Rota. Tenente não sei do quê?” Falei “É, desse mesmo!” “Vai embora, vai embora, vai embora”, falou. Sério. Paguei e fui embora.*

A polícia é corrupta. A ordem é desordem. A lei é transgressão. Esta é a vida...

### Proximidade, violência e sexualidade

Nessa vida, proximidade é sempre emparelhada à violência.

Em Benê, o companheiro com quem dividia cobertor e fogão é quem o ameaça com um convite à relação homossexual, e ele o mata; a mãe é várias vezes descrita como quem estava mantendo uma relação boa com ele quando o pai chega e estraga; ele, na defesa da mãe, cega o pai; o pai, quando está bem com a mãe, morre; o pai se desentende com o amigo e é quase morto. E assim por diante.

A proximidade é sempre prenúncio de ameaça, agressão e morte. A sexualidade também.

*Sobre esse homicídio, foi assim. Eu... andava junto com um rapaz, já tem uns quatro ou cinco anos, certo. E o rapaz... eu sabia que ele era homem, homem mesmo (...) Eu vi ele levando a mulher lá, transando com mulher e tudo, certo. Então, eu tinha absolutamente certeza que ele era homem, certo... Até que chegou um dia que ele começou a dar uma de homossexual... uma de travesti... começou a regular, falando que queria que eu transasse com ele; mas eu já logo analisei: pô o cara é homem... olha aqui, o cara já anda comigo de quatro para cinco anos, a gente sofre junto e tudo o mais, certo... agora tá dando... uma dessa... é porque ele tá com má intenção comigo, certo; que senão ele não ia jogar essa...*



certo. A intenção dele era essa... ou ir... pra transar com ele, ele me encosta uma faca ou um revólver que seja, eu não tô sabendo se o cara tá armado ou não, certo... ele me encosta e me tava eu, certo. Daí nós dormia no estacionamento, certo. Dormia lá todo dia. Nós tinha cobertor, tinha fogão, tinha tudo lá... Daí eu esperei ele. Nessa... sequência ele saiu, viu que eu não quis nada... daí ele saiu, eu saí também (...) Esperei ele dormir (...) nós dormia lá escondido (...) nós tinha, né, pusemos fogão lá e tudo; fogãozinho de duas boca (...) Daí esperei ele dormir (...) fui... com um litro de gasolina (...) o cara era forte também. Não vou catar ele pela frente, levar prejuízo com uma faca na mão... Catei ele dormindo. Só joguei gasolina em cima, ele tava coberto com cobertor Parahyba (...) enrolado no cobertor. Atirei gasolina nele e atirei um palito de fósforo (...) quando ele veio acordando, ele levantou e eu meti a faca no peito dele...

#### **Outra cena:**

(...) passou uma meia hora ele reclamou para minha mãe "tou com uma dor aguda aqui do lado esquerdo, no coração" (...) minha mãe deu pra ele melhoral, novalgina aí ele falou: "Passou um pouco, Preta." Ele chamava minha mãe de Preta (...) Daí minha mãe sentada na cama e ele ia dormir, certo. Do outro lado da cama. Quando ele caiu duma vez esticado no colo de minha mãe. Morreu no colo da minha mãe.

#### **Outra ainda:**

(...) Nós fomos morar lá. Meu pai, como eu contei pra senhora, era aquele negócio de viver na maloca, beber pinga, certo. Chega um dia de tarde, minha mãe nós, tava cozinhando num fogão de lenha (...) Daí ele chegou. Só porque a janta não tava pronta ainda (...) ela não sabia se ele vinha nem nada... Eu tava com cinco ou seis anos. Tinha um monte de pedras,



*lá, com um carrinho que a minha mãe tinha comprado pra mim. Minha mãe tava fazendo o ranguinho dela lá, e ele chega “porque você isso, você é aquilo (...) você não presta, você é vagabunda”. Eu tô quieto no meu canto. Eu não me meto... certo. Eu acho assim que o filho não deve se meter no que se passa entre o pai e a mãe. Agora, no caso assim que vai pra bater, aí eu entro (...) Daí ele deu uma cacetada aqui na minha mãe, até hoje minha mãe sente um pouco de dor (...) Quando ele ia dar a segunda paulada (...) eu tava brincando num montinho de pedra, exclusive, ele morreu não enxergando direito dessa vista esquerda (...) Taquei. E deu tanto azar, certo, que acertou um punhado de pedra nessa vista aqui dele. Começou a gritar “Ah! meu filho, você me cegou. Você me cegou.” Daí minha mãe catou eu. Daí ele entrou lá pra dentro, ficou gritando, esfregando a mão nos olhos, bêbado... Daí pegou, saiu, foi pra cidade. Fiquei eu e minha mãe lá. Sempre fui de sofrer junto com minha mãe. Não largo da minha mãe.*

Para Benê, parece, ver-se próximo é ver-se ameaçado de agressão e é ver-se obrigado a agredir.

É interessante, entretanto, perceber que, em primeira instância, é a proximidade com a mãe que gera agressão. Muito embora essa agressão venha de fora, do pai, que interrompe a continuidade e a sintonia sentida. Mas este pai é também castigado: morre. Morre, entretanto, quando também ele parecia em sintonia com sua “Preta” (com a mãe).

Depois, na relação com o “homem travestido”, a ameaça vem da própria relação. É a ameaça da homossexualidade. E quando a conotação da homossexualidade se explicita ele se vê obrigado a matar. Esta conotação, entretanto, está presente na forma como descreve sua vida a dois, com o outro rapaz; ele destaca, inclusive, os dados de ter tudo a dois ou em dois, de sofrerem juntos. Mas parece que a explicitação não tem outra resposta, senão uma ação agressiva, que destrói, que acaba. Sente-se perseguido pela possibilidade e quer eliminá-la. E a eliminação é direta, imediata, concreta: o assassinato do companheiro. É como se tivesse que matar a pessoa para matar o fantasma que o persegue.



*Dá tal neurose, que a gente tá naquela pensando. Pô! Quer dizer que nessa já não posso mais dormir nesse local, certo. Posso tá dormindo dentro de um carro, dentro de um hotel, onde for... Dá dele aparecer... e querer fazer o que ele quer comigo, certo. Só fica naquela, certo. Nunca tem sossego. Medo de ser pego pela pessoa, certo. Pelo que a pessoa tá premeditando na idéia.*

Em Edinaldo, proximidade, violência e sexualidade também aparecem inter-relacionadas. O colega de assalto não pode permanecer vivo. Ele o mata e deixa no chão. Seu pai engravidou sua irmã. Namorada ele não consegue ter, porque, segundo ele, tem “praga no corpo”.

### O pai. A identidade

Conforme se pode já depreender do que assinalei aqui, o pai é sempre referido por estes meninos. A ordem familiar, bem como o lugar paterno, tem sempre referente nesses discursos. Não é, entretanto, uma imagem positiva a que surge; e, sim, uma imagem ora contraditória, ora linearmente negativa. Representações de violência, sexualidade e, eventualmente, proximidade, a compõem. Em Benê há uma afirmação menos marcada, mas em Edinaldo uma afirmação definitiva dessa imagem. Em Benê há, na relação percebida com o pai, uma sexualidade possivelmente encoberta a que se tem acesso por analogias, neste trabalho de análise; em Edinaldo, a sexualidade, como forma de violência, é componente da figura paterna. Em Benê tem-se um pai ora carinhoso, ora violento, mas sempre próximo; em Edinaldo, tem-se um pai tão violento que não se poderia dizer homem e que deve estar à distância para permanecer vivo.

Edinaldo começa o discurso sobre o pai com o discurso sobre a “assinatura” de um assassinato e sobre o “vulgo” (apelido).

*A polícia meteu o pau em mim, mas nada de assinar...*



Refere-se aqui a confessar ou assumir o crime. E isto, segundo ele, só faria se conseguisse matar seu pai.

Ed: *Bom. Tenho vontade de ver sim. Tenho vontade de ver ele e colocar a minha assinatura. Aí eu quero ver ele.*

*Depois, a fala sobre o apelido:*

En: *Você falou que o outro moço<sup>104</sup> chamava Tico.*

Ed: *Tiquinho.*

*Porque na minha cidade fiquei conhecido como Tico e Índio (...) com Indinho.*

*Aquele cara chamava Tico. O nome dele era Tico. Vulgo significa apelido.*

En: *Mas não é muita coincidência você achar um outro que tinha um vulgo Tico, também?*

Ed: *Não.*

*Só matei ele pra ficar com o meu vulgo mesmo.*

O nome que se tem é, então, percebido como assinatura e como apelido. Assumi-lo, tê-lo, só é possível quando se mata. E essa responsabilidade e posse têm que ser exclusivas, sendo que a exclusão do outro não é concebida senão pela sua eliminação sumária e concreta.

É interessante notar que não parece ser só para ficar com o dinheiro que ele mata. Mas para “ser Tico”.

A identidade possível, com isto, é a absoluta, calcada na extinção das outras também possíveis, especialmente as matrizes, aquelas que julga semelhantes. E a ação de matar (ainda que apenas fantasiada) faz a mágica de permitir o isolamento “físico”, “real”, e com isso permitir a existência na unicidade.

A agressão é, portanto, a fonte de identidade. E é percebida como a única fonte possível. Esta é a imagem predominante.

Estas minhas inferências parecem ser confirmadas pela radical alteração que sofre seu discurso quando, em seguida à sua afirmação

<sup>104</sup> Refiro-me, aqui, ao colega de assalto que ele teria matado e cujo assassinato ele não assinaria...



“só matei ele para ficar com o meu vulgo mesmo”, pergunto-lhe “Você tem pai?”

Ed: *Tenho. Tá na cadeia.*

En: *Por quê?*

Ed: *Por causa de estupro, estelionato, latrocínio, homicídio, 155, 157 e...*

En: *155, quer dizer o quê?*

Ed: *Furto qualificado, arrombamento.*

En: *E 157?*

Ed: *Mão pra cabeça. Artigo 12. Artigo 16: viciado. Artigo 171: estelionatário. Mexe só com cheque. Artigo 213: estupro.*

En: *Então, de certa forma, seu pai é uma pessoa que tem uma história parecida com a sua. Ele também roubou, ele também matou.*

Ed: *Não. Por dois motivos.*

En: *Quais?*

Ed: *Uma que eu não sou estuprador.*

En: *E o resto?*

En: *E outra que eu não mato pra repicar e jogar dentro da bacia do banheiro e dar descarga. Não faço isso. Só mato; deixo lá no chão e sumo.*

En: *Quer dizer que, dependendo do jeito que mata é diferente?*

Ed: *Porque eu não vou pegar a senhora, matar e... Isso daí eu não posso né, não devo também.*

En: *Não deve, não pode por quê?*

Ed: *Não sei o que a senhora faz. Se vem de onde... Eu sei que a senhora é uma psicóloga.*

En: *Sou.*

Ed: *Ah! Não sei quase nada da senhora, não conheço a senhora. Não contou a vida da senhora pra mim.*

*Se, por exemplo, mato a senhora, certo, eu sei que todo mundo vai ficar sabendo.*

En: *Sei. E aqui é um lugar que não dá pra fazer essas coisas. É isso?*



Ed: *Na rua também. Posso fazer, mas vinha direto parar aqui. É uma psicóloga de nome tal, foi morta dia tal, tal hora. Fica sabendo. Vão matar o Indinho. Matador. Vai buscar eu, traz pra cá, mete o pau em mim, e manda eu pra Sorocaba.*

En: *Podemos voltar a falar de seu pai? Quem ele estuprou?*

Ed: *Minha irmã.*

En: *Você tem raiva dele por causa disso?*

Ed: *Revolta.*

En: *O que você acha dele?*

Ed: *Bem dizer, esses caras assim, você chama ele de morfético.*

En: *O que quer dizer?*

Ed: *Louco. Debilóide.*

En: *Seu pai está na prisão há quanto tempo?*

Ed: *Acho que já faz... 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16. Nove anos.*

En: *Você não viu mais seu pai? Teria vontade de vê-lo?*

Ed: *Bom. Tenho vontade de ver sim. Tenho vontade de ver ele e colocar minha assinatura. Aí eu quero ver ele.*

*Eu assino. Coisa como se fosse marginal... Ei! eu tenho sangue frio. Meu dedo é mole pra matar.*

En: *Quer dizer que você queria encontrar com ele como você está encontrando comigo agora?*

Ed: *É. (...) Trocar tiro. Se não tivesse, ele ia morrer.*

Ed: *Meu pai entrou na cadeia, eu tinha oito anos.*

En: *Quando você soube que seu pai tinha estuprado sua irmã o que você sentiu?*

Ed: *Bem. Deu vontade de pegar e matar. Mas, vou fazer o quê? Olhe, eu era pequinininho... Não agüentava nem comigo mesmo. Vou matar o quê? Uma mosca?*

O pai é, portanto, sinônimo de cadeia, estupro, latrocínio, homicídio, 155, 157, artigo 12, artigo 16, 171, 213. O pai é louco e debilóide. O pai é o provocador da revolta.

Com isso, configura-se uma matriz com quem a identificação não pode ocorrer, ou melhor, tem que ser negada. Mas que ressurg



neste instante da entrevista quando, questionado sobre sua diferença em relação ao pai, desencadeia um desafiante e virtualmente agressivo diálogo. Comigo, entrevistadora. Se ele era diferente do pai por que não estuprava e matava sem repicar, era também semelhante pelo desejo de matar a moça que estava à sua frente e, provavelmente, pela sexualização dessa relação (o que ficará mais claro em outro trecho do discurso). Como denegação, surge inesperadamente a afirmação: "Por que eu não vou pegar a senhora, matar e..." E, com ela, expressa-se o desejo, bem como a identificação com a figura paterna.

Veja-se que neste momento, fala da morte e do matar de forma reflexiva e não teatro-dialogal. Ele parece conjecturar, dispersar-se, ir e voltar, numa fala estruturalmente diferente daquela do início da entrevista que parecia driblar o interlocutor. Parecia, quando muito, apenas indiretamente falar de si. Foi a palavra *pai* que desencadeou a transformação.

Benê, por sua vez, traz um pai "menos marcado".

A primeira referência a ele é sobre a sua morte. Quando vivo era maloqueiro, andava mal acompanhado, bebia.

*O negócio dele é que não queria trabalhar. Não era de curtir de malandro, não era de curtir de mulher, não era de curtir com a família dele... certo... o negócio dele era curtir com maloqueiro.*

Ou seja, se não era marginal também não conseguia ser "gente boa".

Costumava iniciar as brigas com a mãe de Benê, mas era sempre quem saía perdendo. Chega a morrer depois de uma discussão com ela. Fazia pouco por eles e era sempre percebido como tendo uma índole fraca.

Dele, entretanto, Benê também constrói imagens de carinho, cuidado, afeto.

*(...) mas sabe, quando a gente é pequeno assim, fala de repente 'teu pai morreu', a gente não acredita na hora. Minha mãe*



*mandou eu chamar, chamei, né, mas dizer que eu acreditava, não. (...) Clareou o dia (...) Veio o carro da funerária, depois eu já vi o caixão tudo pronto (...) Desceram o caixão na cova. Minha mãe lamentando, chorando. Eu não chorei. Eu vim chorar no outro dia, porque eu tava todo dia acostumado eu acordar e ele dar café pra mim. (...) Dei a falta no outro dia e comecei a chorar. Aí ele morreu.*

*O nosso poço também não tem 1,20m de largura, exclusive minha mãe tá querendo tapar o poço e eu não quero porque é lembrança do meu pai. Foi ele que fez, não pagou pra fazer não.*

É interessante notar que quando ele está, num certo momento referindo-se ao pai, relata uma história muito semelhante àquela em que mata seu amigo, sendo que o pai é a vítima:

*Um tal de Jorge Tuinta. Ele tinha uma tuinta na perna. Tuinta. Sabe o que é? Essas feridas enormes que eles mesmos fazem para ganhar dinheiro. Então... esse Jorge essa tuinta na perna e esse Jorge era meio folgado. Meu pai falou que esse Jorge chegou e deu um tapa na cara do outro maloqueiro, certo, meu pai prevalecendo do corpo dele, meu pai era forte, tinha um físico danado; meu pai, se prevalecendo do corpo, falou pro Jorge. “Não, na minha cara, homem não bate. Tem que bater dormindo, ou, me mata logo.” Tudo bem. Esse Jorge era fraco, meu pai era forte. Esperou meu pai dormir, deu uma facada aqui na espinha... e outra no peito do lado de cá. Daí, tudo bem. Meu pai foi socorrido no estacionamento.*

O pai era forte como o amigo que ele, Benê, matara. Há um estacionamento no cenário. Há a força da amizade e a traição. Há a agressão a faca. Há um agressor frágil, mas hábil.

Isto nos faz supor que uma ou outra história é a metáfora da morte do pai. Parece que ela tem que, inevitável e fisicamente, se dar. Parece que tem que ser afastado o vínculo com quem pode acabar com ele primeiro. Ou seja, há o fantasma de uma relação de muita



proximidade e sexualidade que precisa ser interrompida, ou melhor, assassinada. Não pode ser elaborada e revivida em outras condições. Tem que ser eliminada. E isto só se dá eliminando o outro pólo da relação.

Mais ainda, como apontarei posteriormente, matar justifica-se como defesa diante da ameaça de morrer, quando a transgressão, como lei, foi efetivada. E, parece, a transgressão primeira é a da ordem da sexualidade...

### A mãe. A mulher. O prazer

Comparada à relação com o pai, a relação com a mãe, ainda que frustrante, é sempre preservada.

Edinaldo:

*Da minha mãe não posso falar nada. Que ela me pôs no mundo, me criou até os nove.*

*Acontece que eu não brigava com ela, deixava tudo correr frouxo... do jeito que tá... pelo jeito normal. Tá bom.*

Afinal, ela parece ser quem, sozinha, o gerou. Parece que este seu saldo com Edinaldo justifica tudo o que, tendo vivido com ela, possa ter sido desagradável.

Além disso, esta mãe, potente, que sozinha o gerou, vai fazer do abandono que provocou, mais tarde, mais uma demonstração de sua força: vê-lo, definitivamente, ganhar a rua e a malandragem.

Benê, por sua vez, sempre que se refere à mãe, na relação com ele, o faz positivamente. Ela é, sem dúvida, sua companheira de momentos de prazer, sintonia e até sofrimento. É a ela, ainda, que recorre como uma das formas de escapar à FEBEM. É ela quem tramita sua desinternação. Por respeito a ela, ainda, não rouba, quando nas casas de família em que ela trabalha. Ou seja, o vínculo com a mãe é mais forte que o vínculo com a malandragem, quando se trata de tê-los como exclusivos.



Novamente aqui, portanto, a função materna está preenchida de potência. É por ela, inclusive, que sobrevive, visto que o pai não “curte essa de família”.

Tanto em Benê quanto em Edinaldo a mãe é a condição do limite à marginalidade. Em Benê, entretanto, este limite se dá, inclusive, pela relação de natureza positiva com ela, enquanto em Edinaldo é só o limite (quando ele procurava deixar de ir à escola e andava no mau caminho, ela o abandona). Com elas tem-se que ser sério.

Além da mãe, a mulher é também preservada. Edinaldo chega a afirmar que mulher ele não mata, nem rouba, não sabe por que; mas não faz.

Mais que isso, ambos afirmam não poderem admitir o estupro ou a violência sexual com as mulheres. A mulher é sempre referida como ocasião de prazer. É ela, também, ou melhor, o gozo com ela, o corolário da malandragem e do roubo. Eles ganham a mulher com isso. É como se ela fosse o prêmio. Mas, como prêmio, é ainda objeto de uso.

Edinaldo:

*Bom. Mulher pra mim é uma coisa que... me faz sentir o prazer. (...) Sem mulher como é que eu ia viver neste mundo de ladrão? Nunca gostei de mulher nenhuma, mas a gente sempre tem que gostar de alguma. Sou novo ainda. Tenho dezesseis anos. Tenho muita vida pela frente. Tem muita mulher pra mim pegar. Não vou catar uma só e ficar por aí falando em casamento.*

*Aí peguei, fui pro Rio de Janeiro. Fiquei com uma mulher. Ela era virgem. Aí eu esperei. Não deu em nada. Falei assim: “Quê nada, vou fazer essa mina!”*

*(...) A polícia meteu o pau em mim, mas... mas nada de assinar... Deixei ele caído no chão. Catei o dinheiro. Sumi... lá pro lado do Rio de Janeiro. (...) Já fui na mulher, já mordomia, fiz amor, já fui dormir num hotel (...)*

Assim, a mulher ocupa também o lugar de cúmplice. Uma cumplicidade desigual, porque ela parece chegar no fim do caminho e



está submissa; parece alheia à criminalidade, mas o recebe. Recebe o criminoso, o malandro, o marginal, e lhe dá prazer. A relação com a mulher é (no caso de Edinaldo, contraditoriamente à relação imaginada com sua mãe) percebida como a relação paradisíaca. Como a possibilidade máxima de ter o poder, de seduzir, de ter, de se completar, de se estender. É a própria célula narcísica. E isto tem que ser preservado. Se não o teve com a mãe, não justifica que deixe de buscar: o vínculo sem limites, a plenitude. A marginalidade e a mulher aqui se identificam. São condições de ausência de limites.

É interessante que, ao falar sobre a mulher, usa uma linguagem mais conceitual e quase não usa códigos. É como se falar diretamente da sexualidade e do prazer enfraquecesse a força desses códigos. É como se não precisasse mais deles para significar distância do interlocutor e pertença ao grupo malandro.

É neste momento, também, que passa a usar o interlocutor como sujeito, ou objeto, de suas conjecturas (amorosas). Este movimento de inclusão, no que ele tem de ameaçador – porque me transforma, como mulher, numa presa de seu prazer – é um equivalente do código na relação: é um instrumento dele, de controle da relação, além de ser também uma forma de distanciar. Mas este é, sem dúvida, um movimento ambíguo. Controla e afasta enquanto seduz. E seduz para incluir e ter; para se completar e manter a célula ideal, plena de prazer.

*Por exemplo, se eu chegar pra senhora, assim... Bom. A senhora é minha irmã... eu gosto da senhora como uma irmã, certo? (...) Então, vou tratar a senhora sem nada de malícia, sem nada de maldade... só vou assim... se a senhora precisar de um favor meu, eu faço. Se eu precisar de um favor da senhora, a senhora faz... (...) Agora, se fôssemos namorado, aí vai ser diferente, certo? Porque, não só como de favor, como vou querer aproveitar... Entende? Porque aí, não tem nenhum namorado que não vai aproveitar, né?*  
*Vou perguntar uma coisa pra senhora. Qual é o nome da senhora?*  
*A senhora mora muito longe daqui?*  
*Onde fica?*



Em Benê:

*Acho que um cara desses que só tem capacidade de arrumar uma moça pra manter relação sexual no forçado, quer dizer que na base de conversa e no diálogo eu acho que ele nunca vai conseguir arrumar uma moça pra namorar nem pra casar. Porque eu acho assim que não precisa uma pessoa chegar numa moça a falar: “Não, você vai ter que manter uma relação comigo, senão, te mato.” Eu acho assim... eu mesmo não vou sentir prazer se eu fizer isso... De eu tá mantendo uma relação sexual com uma moça e ela tá chorando... eu acho que não dá pra sentir prazer... de ver a pessoa amedrontada, aterrorizada... se arrepiando de medo, se tremendo...*

É interessante destacar nesta fala que, embora no que diz respeito ao conteúdo a representação que se destaca é a da relação sexual com prazer, no que diz respeito aos significantes destaca-se a presença constante dos opostos prazer/forçado e matar/sentir prazer. Parece que Benê está denegando e, na denegação, afirmando o oposto. Perduram, aqui, a violência e a morte, confundidas com sexualidade e relação.

### A lei. A transgressão

A relação com a lei e com a transgressão – que implica na relação com limites – criva, conforme destaquei no início desta análise, o discurso desses meninos. Entretanto, ela surge mais transparente e forte quando Edinaldo se refere à “semelhança” entre matar e morrer, ou entre viver e morrer (entre viver e matar, portanto); ou, ainda, quando Benê, falando do seu (não) sentimento no assassinato do companheiro, passa a discorrer sobre o direito de propriedade privada.

Edinaldo:

*Ed: Pra mim, nunca me esquentei com essa vida de ladrão, não. (...) Pra mim, tanto faz se eu morrer... ou matar... pra*



*mim é uma coisa só. (...) Se eu tô morto, eu vou tá... afastado de uma coisa, se eu tô vivo eu tô pra ser atentado. Vou tá com o capeta no corpo... Eu mesmo não vou pro céu depois de morrer. Eu não vou pro céu (...) Pecador que nem eu assim...*

*En: Pra você, viver ou morrer, então é a mesma coisa?*

*Ed: É. Só tem uma coisa. Ainda é mais importante, né? Que a gente aprende mais. Começa a se abrir mais as coisas. E morrer não, morrer fica num lugar. Só ali, naquele lugarzinho, que só tem mato, tirando altos lazer no forno.*

*Benê:*

*B: Ah, eu conheci ele... (...) nunca me esqueço, ele me chamou pra encostar carro (...) Daí começamos a pegar amizade (...) a gente... começou a se entrosar mais e... dormir juntos. Dali partimos pra roubo... e outras coisas mais, certo! Daí que ele entrou nessa e foi que fui obrigado a fazer isso com ele.*

*A gente sofre junto, sofrer assim, a gente andar junto... o que um come, outro come, que um bebe, outro bebe, que onde um dorme, outro dorme. Que acontecia com um acontece pros dois.*

*E: E você não sentiu nada quando você o matou?*

*B: Olha, eu não senti... não senti. Se fosse um caso que uma outra pessoa tivesse matado ele, aí eu poderia até cobrar a morte dele, vingar, certo... Sentia falta, certo... mas na situação que eu vivi com ele, não... Quer abusar da minha pessoa... certo. Antes ele do que eu... certo. Eu também não sou uma pessoa assim, como se diz, carrasco, uma pessoa cruel. De qualquer coisinha ter coração de fazer perversidade... que nem... um dos moleques, ele... assalta uma pessoa... pega o namorado da moça... leva e mata... E a moça, ele usa e abusa... certo. Não. Eu acho isso errado. Sou assim. Chegar e assaltar, eu quero é dinheiro... jóias. Mas a vida da pessoa, deixo em paz, deixo a honra da moça em paz. Certo?<sup>105</sup>*

<sup>105</sup> A partir daqui Benê começa a falar da questão da propriedade privada e seu direito, relatando a história do roubo de sua cerca...



Para Edinaldo parece impossível perceber os limites entre viver/morrer/matar como ação, porque o sentido dos três está indiferenciado.

Da mesma forma, fica indiferenciado o sentido entre matar e viver, na fala de Benê. Na verdade, há uma identificação das duas coisas. Uma identificação necessária e inevitável. Não se percebem outros caminhos, outras possibilidades.

Embora a indiferenciação em Edinaldo seja ligada à percepção de si como um ser encapetado, como uma natureza diabólica, viva ou morta e, em Benê, a indiferenciação se relacione com a urgência de autodefesa de sua propriedade, para ambos o sentido do matar, do viver e do morrer parece ser o mesmo.

Ora, Benê defende o seu corpo e a sua honra, como defendia a cerca de sua casa; e matar é justificado, então, como um direito, o direito de impor um limite. Veja-se, portanto, a mais profunda confusão, na medida em que a não-restrição do atribuir sentido e do atuar se justifica pelo direito de restringir o território, o continente inviolável.

Neste universo, com isso, configura-se o valor atribuído à lei e ao limite. Aliás, o discurso desses meninos é pautado por afirmações categóricas com caráter de lei, todo o tempo. Mas configura-se, da mesma forma e com igual força, o valor de sua transgressão – com a unidade de sentido para ações opostas.

*Eu acho assim, que filho não deve se meter no que se passa entre o pai e a mãe.*

*Minha mãe dizia e era verdade: quem rouba uma manga rouba uma agulha; quem rouba uma agulha, rouba um cruzeiro; quem rouba um cruzeiro, rouba um milhão.*

A lei concretamente valorizada é aquela que defende a propriedade, a lei do bom cidadão (o que defende suas terras) e do menino (que não é homossexual). Assim, a sua lei é a lei daquele que o persegue, o ameaça, que pode prendê-lo e acabar com a sua vida. Sua lei é, portanto, a lei do mais forte.



Mas na não-restrição dos sentidos, na relação onipotente com os limites, esta lei se vê transgredida e, ao mesmo tempo, justificada (lei e transgressão): “fez para não tomar”.

Todo este ciclo parece, enfim, vinculado a uma percepção das relações como altamente persecutórias.

*Todos querem se aproveitar de uma mulher sozinha que tem um filho. (Benê)*

A autodefesa, a defesa do corpo, da honra e da propriedade, tem que se dar transgredindo qualquer limite para não ser transgredido, invadido, aproveitado, atacado.

*Antes ele do que eu... (Benê)*

## **O futuro. A expectativa de vida**

Para onde é que se vai, nesta ambigüidade toda? Talvez seja o colocar-se diante desta questão que faz esses meninos limitarem a onipotência da marginalidade.

*Estou esperando pra ver o que acontece (...) daqui a dois meses faço dezessete anos; depois tenho que parar. Depois de dezoito é a Detenção, senão, o cemitério.*

*(...) Essa vida de ladrão tá me torrando. Então, tenho... acho que eu devo parar mais rápido.*

*En: Edinaldo quando você tá me falando, dá a impressão de que você queria parar, mas que você acha muito difícil. Essa é só impressão minha ou é uma coisa que você pensa?*

*Ed: Não. Não. Não. Acho que... eu pretendo parar seriamente. É... a única coisa que eu desejo é uma ajuda de uma pessoa pra mim; pra que eu possa parar de roubar. (...) Procurando emprego pra mim trabalhar, conversando comigo.*



Pensar sobre isso seria pensar o futuro. E o futuro confunde-se completamente com a expectativa de vida, ou seja, com quanto tempo têm ainda para viver.

Seria esse o contato mais despido com a necessidade de uma cisão para garantir a sobrevivência, evitar a morte.

Vida e morte, entretanto, ligam-se a decência e malandragem. De um lado, está a consciência de ser honesto para ter chance no mundo. Do outro, está a representação de si como o que é pecador (vide Edinaldo), malandro, comprometido com o falar e o ser do mundo da malandragem (vide Benê): uma divisão insolúvel, a não ser pela perpetuação do reconhecimento de ambos como fundidos e, portanto, igualmente possíveis...

E, com base neste nosso esforço de análise, poder-se-ia dizer que a instituição, como isolamento temporário em relação ao mundo dos honestos, como normatização contingencial ou como proteção intermediária (tal como representada por Benê e Edinaldo) não faz, neste caso, ou melhor, neste imaginário, qualquer corte definitivo. Pelo contrário, perpetua-o...

#### 4. Do abandono à infração: o reconhecimento na instituição

Para além das singularidades, do abandono à infração, os discursos mostram-se descontínuos, sobretudo no que eles estruturam da relação sujeito-instituição. Há, aí, uma diferença que vai além da maior ou menor influência e facilidade de comunicação dos internos com aquele para quem falavam.

Retomaremos, então, as análises até aqui feitas, para assinalar o que, a nosso ver, aproxima a fala dos que são nomeados pela instituição como abandonados. Faremos o mesmo com relação à fala dos que se denominam infratores. Entre esses dois grupos – e, quando possível, no interior deles – apontaremos as diferenças.



## No discurso dos abandonados

A *relação com o espaço* define, em grande parte, a *vida*. Este espaço é referido, quase sempre, como o da instituição. É ele que dá segurança para afirmar a pertença a grupos (“ele é lá do módulo”) e para definir o fazer cotidiano (“lá na florzinha”...). É o espaço aliado à atividade que ele (o espaço) define, em última instância; o que serve de parâmetro para delinear os limites da própria identidade (“quando eu era do artesanato”, “agora eu sou do...”).

As pessoas, muitas vezes, confundem-se na memória, mas as menções a lugares são, via-de-regra, claras. Há, inclusive, uma recorrência, na mesma e em várias entrevistas, à descrição, ponto por ponto, de um caminho percorrido antes de chegar à FEBEM, ou das salas ou regiões que ocupam na rotina diária.

O dentro e o fora, como categorias espaciais, são, ainda, singularmente sugeridos por esses meninos e meninas. Parece que os muros da instituição são o sinal concreto da condição de possibilidade de serem contidos e protegidos. Para além dali, o que há é a (quase) certeza da perdição, do ataque à sexualidade e à vida. Vide as referências de Fátima ao risco de se namorar um menino que não seja da FEBEM. Vide a fala de Rosana sobre as saídas com as meninas de má conduta, que a levam para o Jabaquara. Vide, ainda, o discurso dos meninos sobre o futuro. Assim, se na instituição se reconhece a ameaça de perda da integridade e da decência, como no caso das meninas que falam das colegas que fumam maconha e têm práticas homossexuais, o perigo lá dentro pode ser identificado: são as colegas. Fora de lá, é a indeterminação e a indiscriminação total do risco: a ameaça completa da unidade, portanto.

Denuncia-se, aqui, em termos de espaço, uma relação com conotação de muita persecutoriedade, sobretudo com o fora da Unidade.

Esta distinção dentro/fora, entretanto, nem sempre é clara em suas falas. Não apenas porque a persecutoriedade é uma característica da relação de dentro, mas também porque, mergulhados como estão nesta identificação do próprio espaço com o espaço físico marcado da



Unidade, o dentro e o fora ficam indiscriminados com relação ao sujeito mesmo que nos fala. Isto fica mais evidente naqueles que acentuam as características de superposição e intercambiamento eu/instituição; ou próprio/instituído, como é o caso de Waldir e Fátima.

A *relação com o tempo* surge na fala desses internos como outra fonte de certeza; mas apenas quando este é o tempo da instituição, ou seja, a rotina diária. Isto se dá, sobretudo, com Waldir, Teorim e Fátima: para eles, os outros tempos se confundem. Lembram-se de datas que depois se contradizem no passado. Quanto ao futuro, é impensável.

Rosana, Karen e Marcelo localizam-se na sucessão de fatos fora da instituição com um pouco mais de segurança. No entanto, são poucas, também, as incursões neste sentido.

De qualquer forma, o presente é sempre a instituição, com conotações de espaço e de relação ali possíveis. O passado é a família, sempre associado a imagens de abandono, rejeição, morte, violência e/ou negligência. O futuro, como dissemos, é uma incógnita; uma incógnita não desejada (Waldir, Marcelo, Rosana) ou superada num eufórico discurso sobre o crescimento, o trabalho e a vida em família (em todos, especialmente em Fátima e Teorim).

Assim, a *vida* será, no caso dos meninos, invariavelmente imaginada como pautada pelo tempo e pelo espaço daquela Unidade onde se encontram, de tal forma que o ritmo de seu corpo e de seu desejo são o da *casa*; contidos, como se vêem, por seus muros e nos seus fazeres. A metáfora deste movimento está no *ciclo da preguiça*.

A *relação* que essa vida permite tem garantias também quando referida à rotina de atividades e aos lugares em que estas atividades se dão. Em geral, o outro parceiro não é determinado: é qualquer um que naquele momento se encontra no mesmo lugar e fazer que ele próprio. Mesmo fora da instituição, é freqüente, conforme apontamos seguidamente na análise dos discursos, as perguntas feitas sobre o *quem* (e mesmo sobre o *como*) terem como resposta o *onde*. O outro, contraponto para o reconhecimento, não é discriminado. Só o espaço pode sê-lo. Só o espaço físico pode, imaginariamente, contê-lo.



Quando, como na maioria das vezes, a relação surge intramuros – esta relação sem sujeito, porque sem outro – caracteriza-se, de um lado, pela ameaça que representa: se transgredir o pacto com o ritmo da instituição, o prêmio é o reconhecimento de si como louco, debilóide (Teorim), ou como devassa (as meninas em geral). Neste clima, as alianças com certos grupos e a exorcização de outros parecem ser a defesa que garante, ainda assim, onde se apegar, para se garantir normal, bom, merecedor de tranqüilidade e privilégios; único, ou melhor, vivo, com a instituição. Desta forma, alguns deles referem-se aos adultos como o lado bom da vida institucional e se referem aos *mesmos* – os outros internos – como a personificação do mal (Rosana e Waldir). Outros têm o bom numa genérica referência à FEBEM como a família, ou como algo que melhorou (Marcelo e Karen) e o resto é o risco; portanto, toda relação concreta é reconhecida como ameaça. Uma cisão e uma persecutoriedade – essas que se denunciam – que não se esgotam nas relações presentes, mas que atingem personagens de outras relações fora da instituição: a mãe, ou a tia, como o perseguidor; a criança e os irmãos, como os perseguidos; a avó, ou irmãos, como os bons e o resto como os maus; e assim por diante.

Há momentos, nas entrevistas de cada um deles, em que o que nos fala, não se distingue, com relativa permanência, de um outro, mesmo que seja um outro que o persiga e ameace. É como se houvesse um disseminado e indiscriminado perigo de perda do tênue fio que permite que ainda se reconheça como tendo um nome. Assim é Fátima; e assim é, predominantemente, Waldir. Há uma indefinível ameaça que vem de dentro, um dentro que não parece se distinguir do fora; algo que não é possível exorcizar, exceto por um deslocado “Ai credo”.

O que é ameaçado?

O que a organização de sua fala, as recorrências, os cortes, as lacunas, os esquecimentos e as lembranças permitem entrever é que o risco que se corre é de *se* perder; é o de perder os limites de uma *identidade* que, imaginariamente, se calca nos parâmetros do espaço, do tempo e da relação com a Unidade. A unidade possível. Exceto para Karen – para quem a FEBEM é inversamente o risco de perda



de sua história, de seu vínculo, que ainda é desesperadamente chorado, com a família – o vínculo dos outros internos parece se dar com a identidade que atribuem à instituição; quer numa imagem cindida, onde a identificação se faz com os aspectos bons que sua relação concreta permite (Rosana: as freiras, os funcionários), quer numa imagem total e, por que não dizer, totalitária, com a condição única de vida, de limites, certezas, de contenção, de reconhecimento, de ser e desejar. Nesta u(U)unidade, a Unidade cósmica.

Se o que dá limites é esta identidade na e da instituição – pelo sentido subjetivo de certeza no tempo cronológico e no espaço físico dos fazeres institucionais, e pela identificação com uma imagem da instituição FEBEM – esta é a u(U)unidade (im)possível. É uma singularidade que (não) tem aí seus contornos.

O “Ai credo”, as fugas (verdadeiras ou não), o ser aos contrários e a revolta que cortam o discurso da continuidade sujeito – instituição, são os sinais do desejo. São, no entanto, sinais que devem ser suprimidos, para que se cumpra a u(U)unidade. Para que ela não seja ameaçada. O que organiza e predomina, no vínculo com o fazer, com o ser na instituição, com o pertencer, com o outro, enfim, é o desejo imaginário; é o espelhar-se no movimento desse outro (instituição); é o submeter-se à sua ordem.

E aqui se pode, então, situar a questão do abandono. Se, crianças, viam-se abandonadas pela família, pelo pai, pela mãe, porque não puderam ser por eles cuidadas, contidas, amadas, reconhecidas, a um outro abandono se vêm agora expostas – e, mais que isto, compelidas – o abandono *ao ser da instituição*, à ordem, à prática, da Unidade.

### No discurso dos infratores

*Vida* é sinônimo de marginalidade. E a instituição (a FEBEM, pouquíssimas vezes referida) representa-se como ocasião de fuga, como uma das situações de moralidade onde se deve ter o discurso da decência; ou como conjunto de códigos que se conhece e domina.



É a rua, não a casa (família), nem a Unidade, o espaço de vida e a ocasião da identidade no discurso desses meninos. Da mesma forma que a (i)limitude das ruas da cidade é a extensão de sua potência.

Assim, diferentemente dos abandonados, os infratores expressam um manejo eficiente do tempo e do espaço. As lembranças são precisas, quanto a momentos e lugares. Os fatos se encadeiam, com pouca ou nenhuma contradição, na memória.

Tudo isso num discurso que denota fluência e controle do interlocutor, no decorrer da entrevista. Ora esse controle é indicado pela perfeita compreensão da linguagem e dos conceitos do outro (a compreensão da questão sobre a vida, sobre a mulher, como conceitos abstratos), ora pelo uso de um código fechado (a gíria da malandragem, que eu, fora dela, não entendia porque só entendo de gravador); ora é indicado pela explicitação da ameaça que ele representa à integridade física desse outro (quando Edinaldo sugere que poderia me estuprar), ora pela exclusão do outro do campo “da verdade” (a fala do decente encobre a verdade do malandro).

Chama a atenção, na fala desses meninos, ainda, a relação que estabelecem com a lei e com a transgressão. Reconhecem uma lei: a da transgressão. Mas, ao mesmo tempo, com igual força e no interior da mais completa identificação entre as duas coisas, reconhecem, como lei, a propriedade privada. Em oposição aos abandonados, o que corta seu discurso não é a transgressão (a fuga e a revolta), porque esta *tem* que ser feita (é, invertidamente, a lei como função, sem sentidos particulares), mas, sim, o reconhecimento da lei de propriedade, da lei de defesa das coisas próprias, do próprio corpo e da honra da heterossexualidade.

Mais que isso, o domínio da moral institucional e a definição de sua moral como marginalidade sugerem o re(conhecimento), também, das normas institucionais.

Por isso, talvez – por essa ambigüidade do reconhecimento concomitante e indiscriminado dos opostos – a relação de proximidades é sempre impedida ou interrompida pela violência.

A relação com o fazer será, portanto, a de um fazer ditado pelo impulso (na defesa de seus direitos e no ataque às defesas do outro)



e pela vontade (sabem falar como gente fina e honesta), com igual peso ou valor. Sua ação é determinada pela ilimitude da impulsividade e da ambigüidade, e pelas leis internalizadas de defesa do corpo, da sexualidade, da propriedade, os seus (i)limites. Além disso, uma outra conotação é atribuída à ação: é nela, concretamente, que se elimina, ou que se mata, o fantasma das ameaças ao que se tem e ao que se é.

Novamente, aqui, marca-se uma diferença com relação às meninas e aos meninos abandonados. Nestes últimos não se reconhece o fazer impulsivo, exceto como algo efêmero, como brincadeira, como loucura ou como atribuição de outros, e não própria.<sup>106</sup> Entre eles, o fazer é um repetir da rotina, com o ponteiro de um relógio que a cada volta reinicia a anterior e a repete.

É no universo das ações assim encenadas que a marginalidade define a vida e a identidade. É do interior delas que se reconhecem “o curso e sua margem”, retirando-se daí a condição de suprimimento interminável de uma falta que não pode se apresentar como falta a ser suprimida, mas como a onipotência de meios e recursos para a ação. Um suprimimento imaginário.

A carência é referida apenas como falta de dinheiro no início da vida (ou melhor, antes da marginalidade), ou como a simplicidade e a precariedade de moradia. Nenhuma outra carência é reconhecida. Com a marginalidade vêm a riqueza e a fartura, até na possibilidade de ter mulheres.

Em todo este movimento, portanto, a lei que o infrator (re)conhece é uma lei fálica<sup>107</sup>, que não dá limites, não elimina a ambigüidade. Uma lei que sanciona os opostos. Uma lei que (re)produz a onipotência.

<sup>106</sup> Exceto uma das meninas, Rosana (a que se referiu a algumas fugas), que apesar de ter seu discurso colocado entre o dos abandonados (sobretudo pelo reconhecimento na instituição), pareceu por vezes ter diante de mim a fala do decente: um discurso construído para os ouvidos de um agente institucional. Como isto só pôde ficar na minha impressão, e as suas falas, predominantemente, configuram outras encenações sobre relação, afetividade, vínculo e identidade, foram aproximadas, na presente análise, aos abandonados.

<sup>107</sup> Vide o conceito de relação especular, caracterizada no primeiro momento da elaboração edípica (O Seminário I., *op. cit.*), na teorização lacaniana.